

# SEGUNDA CARTA<sup>1</sup>

Américo Brasílio de Campos

Setembro de 1859



[43]<sup>2</sup> Meu paciente amigo, eis aí tens mais uma carta minha, é longa como um sermão e talvez assim fastidiosa. Resigna-te entretanto, e escuta-me. Nem há para ti um grande sacrifício, eu o sei: a paciência é a face mais católica de tua alma.

Dá como fato que estamos, como outrora, juntos em bem-aventurada ociosidade, e que, como dois heróis de Fingal vestidos de neblina, contamos um ao outro, por entre a espessa fumaça de nossos cigarros, as cenas curiosas que —nebulosos sonhos — se desenrolam muitas vezes diante de nossos olhos.

Enquanto o futuro é uma esperança unicamente, e o presente um obstáculo, o tempo vale demais a contemplação de nossas ideias: uma a uma elas vão passando pela órbita de nosso entendimento. Santa ociosidade! Também Deus descansou, também ele, em mansa e risonha contemplação,

---

<sup>1</sup> CAMPOS, Américo Brasílio de. Segunda Carta. *Esboços Literários*. São Paulo: Tipografia lei, 1860. p. 43-50.

<sup>2</sup> Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

viu passar, *no sétimo dia*, o bem ordenado turbilhão de mundos que tinha criado. E para ele cada mundo era uma ideia, era um poema!

Os nossos mundos são nossas ideias, são os fatos que ressaltam de todos os lados em torno de nós. Contemplemos: nós também somos deuses.



Lembras-te de Mazeppa? Sem padecer suas dores, gozava do magnífico espetáculo que deslumbrou-lhe os olhos amortecidos quando ele voava sobre o seu corcel da Ucrânia: eu corria, e corria como um louco pela estrada de Santos (mas em um cavalo de aluguel e não da Ucrânia). Embriagado pela voluptuosa vertigem da carreira e já sem forças para dirigir o animal, era levado, arrebatado por ele; e o céu, as nuvens, as árvores e a terra fugiam rápidas em torno de mim.

Tamanha rapidez condensou-me o sangue, suspendeu-me a respiração e uma nuvem de fogo escaldou-me a fronte açoitada pelo vento que me zunia nos ouvidos: tive medo! Parecia que a terra se escoava por baixo dos pés de meu cavalo e que eu estava prestes a cair no imenso abismo onde nadam os mundos, como baleias no oceano, e para vagar aí às tontas, cometa desgarrado, até que algum [44] sol me enredasse em sua teia luminosa... Era quase um sonho o que eu sentia!

Já o cavalo tinha parado na estrada de cansado, e ainda eu me sentia correr como uma bala pelo ar: estava tonto como um viajante aerostático. Aos poucos fui voltando a mim.

A noite começava a estender-se como um denso nevoeiro sobre as árvores. Mais de um quarto de légua já me separava da cidade, de onde havia

partido por passeio e desenfado. Esperava, para voltar, que meu sangue arrefecesse e meu animal tomasse fôlego.

Nesse momento, em alguma distância destacou-se das sombras do crepúsculo a figura de um homem que vinha para o meu lado em direção à cidade. Quando passou por junto de mim, sério e calado, como se fora o carrancudo Enéias afastando-se de sua pátria incendiada com seu velho pai aos ombros, reparei que o objeto volumoso que levava às suas costas era uma harpa envolvida em um pano grosseiro. Vestia um casacão escuro com grandes botões de louça, e tinha na cabeça um boné de couro já bastante usado. Estava empoeirado desde os grossos sapatos até a cabeça. Era certamente um desses filhos desgraçados das grandes cidades europeias que, aturdidos pelo movimento e sussurro da população apinhada, e açoitados pela miséria, em um momento de desespero, abandonam sua mãe, que não tem pão para lhes dar, atravessam o oceano, e vêm saciar-se de vida e de esperança sobre o céu risonho da terra americana.

Ele passou por mim, talvez sem ver-me, caminhando a passos largos e pausados. O eco de seus passos sobre o solo era o único som que saudava o solitário filho de além-mar. Naquela hora silenciosa, recolhido em si mesmo, quem sabe não calculava a distância que o separava da terra de seu berço! A saudade era talvez o único sentimento que povoava-lhe o coração entristecido e solitário de afeições amigas!

Desapareceu afinal. Algum tempo depois, tendo já descansado, voltei para o mesmo lado.

Já quase na cidade, insensivelmente aproximei-me de uma taverna do caminho, atraído pela luz do candeeiro que, pendente do teto, era o sol daquele mundo de garrafas. Lançando os olhos para dentro, vi lá o

desconhecido estrangeiro. Apeei-me e entrei. Tendo ainda em lembrança a impressão e os pensamentos que me causara a sua vista, desejava examiná-lo e conhecê-lo de mais perto.

O taverneiro, debruçado no balcão, com a boca meio aberta e os olhos arregalados, estava absorto na contemplação do viajante, que tranquilamente sacudia a poeira de seu fardo. Pedi licença para descansar (era um pretexto) e, sentando-me, tratei de achar um meio pelo qual travasse conversação com o estrangeiro.

Ele nem parecia ter percebido minha presença. Continuava o seu trabalho com a gravidade metódica de um alemão, como [45] realmente o era: um puro *Deutscher* tinha, como todos, a nacionalidade impressa no semblante.

Desejando ardentemente despertar-lhe a atenção, e vendo que era pouco mais ou pouco menos um músico, comecei com ar distraído a cantarolar o majestoso adágio de uma das mais belas sinfonias de Beethoven. Foi uma lembrança feliz: tocado pelo calor do pensamento músico que eu lhe despertava n'alma, o alemão deixou-se ver tal como era: seu rosto desatou-se, ergueu a cabeça, lançando para trás os longos anéis de seus cabelos, e, dardejando luz e inteligência, seus olhos se ergueram para mim cheio de vida e poesia.

Alguns minutos depois, como num eco harmonioso, seu instrumento já afinado repetia a mesma peça.

Aos primeiros prelúdios que o alemão tirava do instrumento afinando-o, uma moça ainda na flor da puberdade havia aparecido do interior da casa; em pé, encostada à cadeira que o taverneiro tinha ocupado, estava com os olhos fitos no instrumento. A ingenuidade infantil com que deixava ver o espanto

de que se achava possuída dava bem a conhecer que tudo aquilo era uma novidade para ela. Naquele instante parecia existir só a música que ouvia; estremecia à cada vibração mais forte das cordas do instrumento.

Eu mesmo comecei a sentir-me impressionado. Não sei porque aquela música produzia sobre mim tamanho efeito: a pouco e pouco fui sentindo os membros se enregelarem e se contraírem como eletrizados pela vibração metálica do ar. A luz do candeeiro parecia tomar corpo e fazer-se sólida no espaço, pesando sobre mim como se fora chumbo derretido; como que sentia, no fundo d'água e próximo a afogar-me, um rio caudaloso todo inteiro com estrepitoso alvoroço rolar sobre meu cérebro. Estava aniquilado! Minhas fontes batiam como dois martelos! As garrafas, como chocando-se umas nas outras, retiniam em meus ouvidos formando uma orquestra de arrepiar as carnes. Ardia em febre e delirava!

A moça, na mesma posição, ocupava o centro daquele quadro estranho. Avistando-a por entre o véu de luz e sombras que cercava meus olhos, concentrei o resto de atividade que ainda me restava para observá-la. Pareceu-me então um sonho delicioso tudo aquilo: a harmoniosa torrente de sons que me inundava os sentidos, para mim, já não provinha do instrumento; como que se evaporava de sua figura de contornos simpáticos e harmônicos, e de seus grandes olhos negros à meios adormecidos sob uma nuvem magnética.

Eu contemplei-a assim por largo tempo — pálida e tremendo no centro daquela atmosfera de luz e sons que, como um fluido metálico, me oprimia a respiração e se quebrantava em minha frente desfazendo-se em mil centelhas sonoras.

De súbito a fantasia esvaneceu-se e tudo ficou silencioso: a música tinha parado.

[46] Meus olhos continuaram a fitar-se nela: estava em pé, com os braços e o corpo inclinados para o lado do alemão, porém imóvel. Dir-se-ia que a música tinha-lhe quebrado as fibras da existência, e a tinha feito um cadáver semelhante aos que se encontram às vezes nos fundos subterrâneos de Pompeia.

O velho taverneiro, percebendo então o seu estado, trêmulo de susto, aproximou-se dela procurando então reanimá-la.

— Minha filha, o que é que tens? Fala, o que te sucedeu?

Uma rajada mais forte do vento, que zunia furioso por entre as aberturas do telhado e pela porta, apagou naquele instante a luz.

Vendo-me no escuro, um terror pânico subitamente apoderou-se de mim, e com tal intensidade que fui obrigado a sair, montar a cavalo e continuar meu caminho sem quase dar fé do que fazia e nem mais reparar nas pessoas que deixava. Estava nervoso e perturbado como um pobre sineiro que se vê, de noite, às escuras no alto de uma torre.



No dia seguinte levantei-me cedo; chegando à janela, por acaso vi passar o velho taverneiro. Ele reconheceu-me e cumprimentou-me.

Convidei-o para entrar.

— Então, — lhe disse, oferecendo-lhe uma cadeira — como passou a noite?

O velho, abatido e melancólico, suspirou profundamente.

— Minha filha, — disse — está louca, inteiramente louca. É Satanás em pessoa aquele feiticeiro que o senhor viu ontem. Foi por isso que fiquei todo arrepiado quando me entrou em casa, pedindo uma pousada por aquela noite: é o diabo em carne e osso!

O velho abaixava gradualmente a voz como para não ser ouvido por mais ninguém na revelação do grande mistério do outro mundo que me patenteava.

— Eu mesmo, meu senhor, quase perdi a cabeça vendo a coitadinha naquele estado. Venho hoje à cidade para levar um médico. Hei de gastar o pouco que tenho, se for preciso, para curá-la: é minha única filha, a pobrezinha, meu senhor!

Duas grossas lágrimas correram pelas barbas brancas do desgraçado pai. Ele prosseguiu logo depois, como falando consigo.

— E que noite ela passou! Às vezes chorando, às vezes cantando, e outras vezes pensativa e concentrada, como ficava o meu defunto padre-mestre quando estudava algum sermão!

Quase rindo-me pela grotesca comparação do velho, procurei sinceramente consolá-lo. Ele ouvia-me com reconhecimento, mas suas lágrimas continuavam a correr.

— E o que é feito — disse-lhe — do músico alemão?

[47] — Quem pode saber onde passa a noite um mau espírito?! Talvez nem Santo Antônio nos pudesse responder!

E o velho dizia-me isto com o entusiasmo e a convicção de um apóstolo.

Logo depois retirou-se dizendo-me que tinha pressa, por querer, antes de procurar um médico, conversar a respeito com seu mano padre.

Despedi-me do velho, prometendo-lhe que iria vê-lo à tarde.



Quase ao anoitecer apeava-me na porta da taverna.

O pobre homem recebeu-me com agrado, mas triste e pesaroso. Conversamos algum tempo até que me conduziu para o interior da casa.

Em uma varandazinha térrea de paredes denegridas estavam, alumiadas por uma única luz, sua mulher e sua filha. Aquela, sentada em um estrado, sustinha no colo a cabeça da mocinha, que com semblante alegre parecia dormir engolfada em um risonho sonho. Seu rosto assim meio risonho e meio adormecido era banhado pelas lágrimas de sua mãe, que a contemplava chorando.

— Veja em que estado ela se acha. — disse o velho sentando-se junto a mim.

— Ontem, quando a trouxemos para dentro, — disse a mulher — estive assim mais de uma hora. Acordou-se de repente e começou a correr pela casa cantando como louca a música que tinha ouvido. Passou toda a noite, ou soluçando como desesperada ou repetindo a mesma música. Sobre a madrugada ficou assim sossegada até alto dia.

— Ela mostrava antes disso grande paixão pela música? — perguntei, cada vez mais curioso e mais penalizado por aquele fato.

A mulher sorriu-se tristemente:

— Aqui nasceu e aqui viveu até agora. Que música pode ter ouvido?

Ficou pensativa por alguns instantes e depois prosseguiu:

— Ouvia os passarinhos no quintal, era sua música de todas as tardes e de todas as manhãs, e o seu único prazer. Coitadinha da minha filha! Hoje nem de seu companheirinho ainda lembrou-se.

Lancei os olhos para onde a mulher dirigia os seus e vi um sabiá em uma gaiola pendente da parede.

Soube então que sua filha tinha criado aquela avezinha no calor de seu seio com a inocência de uma criança e o desvelo de uma mãe.

— Era o seu amiguinho de todas as horas e de todos os instantes; o seu enlevo e seu único tesouro neste mundo.

— Quando vem o tempo em que ele canta, — me dizia a pobre [48] mãe — até me dá ciúmes, porque então minha filha não se lembra mais nem de mim, nem de seu pai: fica suspensa e enlevada como se estivesse no céu ouvindo os anjos.

Quantas angústias não custava cada uma daquelas palavras à pobre mãe enternecida! Que dor tamanha para aquele coração materno a recordar-se assim de todos os instantes, e de todos os prazeres da vida inocente de sua filha!

E ela estava ali, a inocentinha, quase sem vida sobre os seus joelhos, mergulhada em estúpido torpor!

Em frente daquelas três figuras igualmente simpáticas e igualmente infelizes eu sentia-me acanhado e pequenino: não tinha sequer uma palavra de consolação para curar tamanha dor.

Enquanto reflexionava assim comigo mesmo ouvi parar na porta um cavalo bufando de cansaço, e ao mesmo tempo estas palavras:

— O Espírito Santo esteja nesta casa!

— É o mano padre — disse o velho, e levantou-se.

— Ele vem benzer minha filha, — disse a mulher sobressaltada — Deus o traga em boa hora!

A mocinha estava ainda como a encontrara quando entrei: respirava, entreabria às vezes os olhos, mas parecia inteiramente alheia a tudo que se passava junto de si.

O padre entrou. Vestia uma larga sobrecasaca, comprida até os tornozelos, e trazia na cabeça o clássico e simbólico chapéu de três pontos dos levitas cristãos.

— A sacra família, os santos e os arcanjos estejam em vossa companhia, minha irmã!

Disse, e de esguelha saudou-me com a ponta do nariz, tão leve foi o seu movimento de cabeça.

Sentou-se, fez algumas perguntas a respeito do ocorrido, e finalmente, deitando solenemente os óculos, começou a farejar com uma perspicácia toda religiosa os satânicos vestígios que presumia encontrar na doente. Seu exame durou poucos momentos. Endireitou-se na cadeira e com ar taciturno e misterioso, como um frade que inicia sua velha comadre nas máximas da vida, assim falou:

— Deus quer a seus filhos! Mas, como Lúcifer por desobediência foi lançado no lago de fogo, assim caem nas cadeias da desgraça os que não ouvem as palavras de seus representantes sobre a terra! (*Enfurecendo-se.*) E vós, meu irmão, estais sofrendo porque não quisestes aceitar meus conselhos. Não vos disse muitas vezes que metesses vossa filha em um recolhimento? Que só aí podia ela viver sem manchar-se nas impurezas da terra? A negligência vem de vossa parte e não da minha: eu vos gritava sempre aos ouvidos: *o mundo, o diabo e a carne, meu irmão, são os nossos inimigos!* Não me ouvistes e Satanás levou-a!

[49] O homem ficou esfalfado pela tirada eloquente que proferira. Limpou o suor do rechonchudo carão, levantou-se e começou a passear pela casa.

O taverneiro e sua mulher estavam sucumbidos de terror: estavam pálidos como sua filha. As palavras do padre soavam em seus ouvidos como uma trovoada do inferno.

Eu estava por demais satisfeito de sua bíblica eloquência. Retirei-me, enquanto ele, resmungando como uma cozinheira de mal gênio, dissolvia sal em água para benzer, e com tal preparação purificar a casa e arrancar sua sobrinha das garras do diabo.



Como havia tomado grande interesse por aquela família, seguindo o dramazinho de seu começo, continuei a visitá-la. Os dois velhos tinham por mim verdadeira e íntima amizade: a desgraça — o mais forte cimento para os corações — me unia a eles de tal sorte que estava me constituindo quase um membro da família. Minha presença era a única segura onde derramavam os bons velhos o fel de sua existência, porque somente a mim deviam eles as doces lágrimas da esperança. Minhas palavras, sem que eles mesmos os sentissem, eram um bálsamo mais suave e mais doce do que a água-benta e os sentenciosos palavrões, ríspidos e sem sentimento, de seu *venerável irmão*.

Pobres velhos! Em oito dias tinham envelhecido dez anos! Como que o pálido reflexo da figura macilenta de sua filha se derramava em suas feições e em seus cabelos.

Sua filha, o seu anjo da morte, sorrindo-se no delírio da agonia, os conduzia pela mão à sepultura. A infeliz, sem quase alimentar-se e sem quase dormir, definhava todos os dias: o suave torneado de seu rosto e de

seus braços tinha desaparecido, e via-se somente a angulosa conformação dos ossos cobertos por uma pele amarelada e reluzente.



Um dia muito cedo fui ver os meus bons velhos, conforme o meu costume, e achei-os já acordados.

— Não dormimos nada, — me disse o taverneiro — passamos toda a noite aqui sentados.

Seus olhos vermelhos e encovados, a debilidade de sua voz e a palidez assustadora de sua mulher confirmaram suas palavras.

Sua filha estava em pé, em frente da porta do quintal; os cabelos soltos esvoaçavam-lhe em torno do colo emagrecido, movidos pela viração fresca da manhã. E o seu vestido, flutuando ao sopro do vento em roda de seu corpo e deixando adivinhar-lhe as formas, caía em frouxas dobras sobre seus pezinhos nus, deixando-os a meio descobertos. Estava imóvel, e sua fisionomia nem um só pensamento revelava.

[50] Todos três a contemplávamos calados.

Foi pouco a pouco levantando os braços e inclinando levemente o corpo para o lado do sol, que começava a dourar-lhe a palidez do rosto, e principiou a cantar a sua música de sempre.

Fiquei transido de dor, ouvindo-a, animada somente pelo fogo da demência, repetir com voz pesada e triste, sempre no mesmo tom e no mesmo estilo, o sombrio e majestoso adágio de Beethoven.

Subitamente interrompeu-se no meio de um compasso... O sabia estava cantando!

Ou porque se aproximava a estação própria ou excitado pela voz que ouvia, ele começava agora a cantar pela primeira vez desde que a moça enlouquecera.

Ela aproximou-se, e atentamente escutou por algum tempo a suave e queixosa melodia que se derramava em sua alma como um bálsamo vivificador.

Quando voltou-se para nós a expressão glacial de seu semblante tinha desaparecido como por encanto: a sua figura estava iluminada pela luz da inteligência. Seus olhos arrasavam-se de lágrimas e um longe de rubor aquecia-lhe a fronte.

Parou em frente de nós, sobressaltada, e atirou-se nos braços de sua mãe.

— O que eu tinha, mãe? Onde eu estava?

O sabiá ainda cantava docemente, saudando o sol que ao longe aparecia por sobre os arvoredos.

Os velhos tinham recuperado a vida!

A pobre mãe, chorando de alegria, não se fartava de beijar as mãozinhas de sua filha que com as faces úmidas de lágrimas, a contemplava sorrindo-se.

O velho sentado do outro lado, ébrio de contentamento, beijava-lhe os cabelos em silêncio.



#### FICHA TÉCNICA

**Coordenação geral:** Júlio França e Oscar Nestarez  
**Coordenação de pesquisa:** Daniel Augusto P. Silva  
**Revisão textual:** Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes  
**Preparação:** André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur, Rosane Velloso e Sora Maia Souza  
**Design gráfico e redes:** Renata Luz e Ana Giulia Mussury

**Tênebra**

Biblioteca digital de  
narrativas obscuras  
brasileiras



